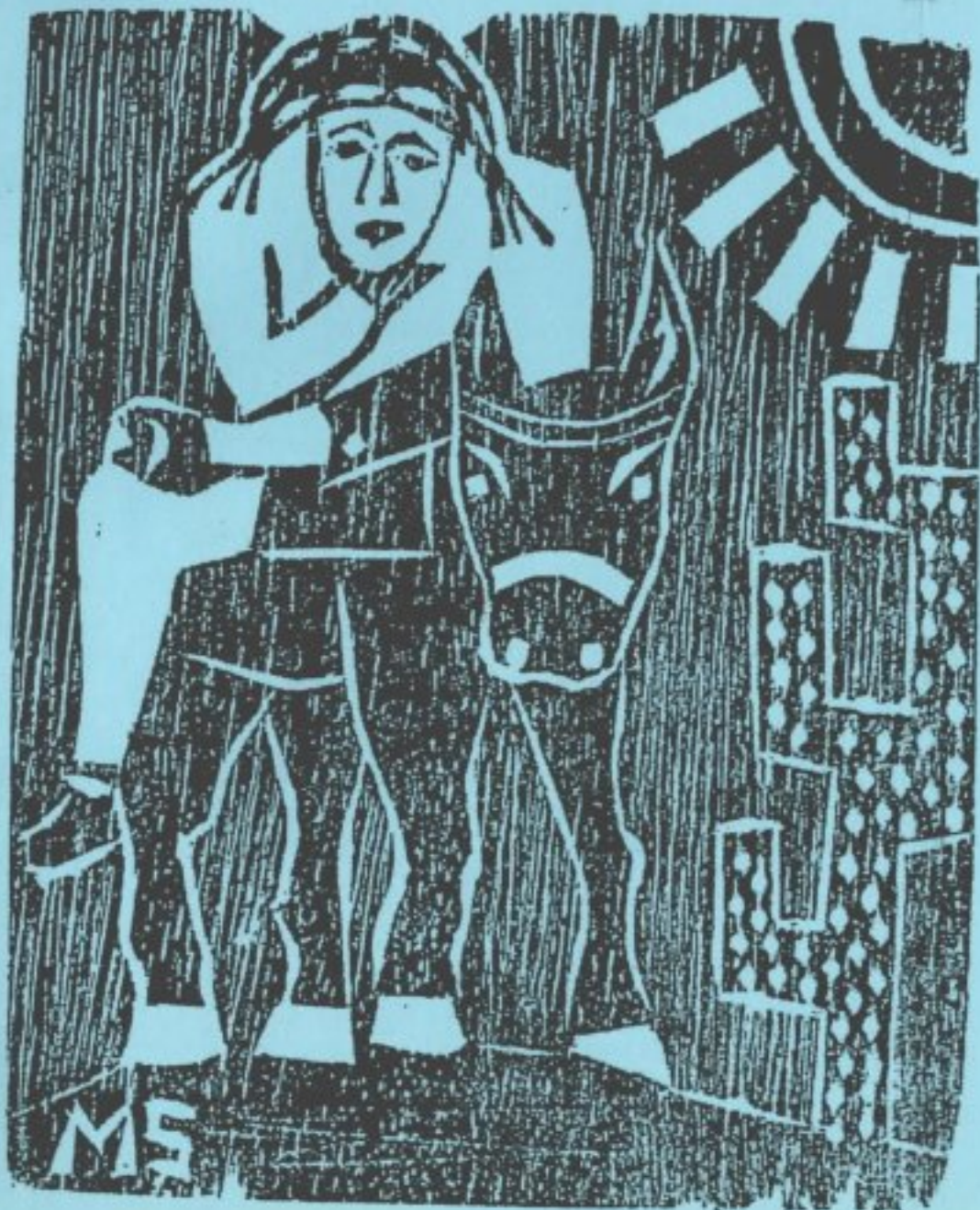


GONÇALO FERREIRA DA SILVA

lenda do

VAQUEIRO MISTERIOSO



Lenda do Vaqueiro Misterioso

2ª Edição

Gonçalo Ferreira da Silva

Há pessoa que aprecia
luta acirrada, contenda,
ou mistério que a mente
humana jamais desvenda
outra irresistivelmente
atraída pela lenda.

Há pessoa que em torno
de um lençol de feijão
antes que o vento chegue
conta com fascinação
lendas que seus bisavós
já contavam no sertão.

Quem conta as lendas as tira
de diferentes vertentes
emprestando tal lirismo
que os críticos mais exigentes
não continuarão sendo
radicalmente descrentes.

E o contador de lendas
se torna muito estimado
e satisfeito por ser
por todos apreciado
conta caso que em verdade
talvez nunca foi passado.

O autor deste poema
igualmente curioso
acercou-se do artista
e lhe pediu jubiloso
que falasse do lendário
Vaqueiro Misterioso.

Ele com solicitude
mesclada de vaidade
sentou no pau da latada
com ar de solenidade
remontou com o juízo
à distante mocidade.

"No começo deste século
eu trabalhava no Oiti
com um moço que morou
antes em Curupaiti
estação ferroviária
a muitas léguas daqui.

Nesse tempo, na verdade
eu ainda era pixote
e não lidava com vaca
com barbatão ou garrote
vivia só a caçar
passarinhos no serrote.

Havia um boi conhecido
como o grande rei do prado
pelo vaqueiro mais destro,
ele jamais foi tocado
nunca às grades do curral
ele foi escravizado.

Meu patrão dizia sempre:
– Só existe uma verdade:
o jeito é deixar o boi
completamente a vontade
pra ganhar docilidade
ao peso da própria idade.

Pois quando foi exigido
correu mais do que o vento
e como não foi tocado
eu tenho o pressentimento
que se preciso supera
até mesmo o pensamento.

Só depois que a tarde cai
se deixa ser percebido
mas some logo ao notar
que já vai ser perseguido
ficando dentro da noite
completamente escondido.

Para fazenda acorriam
vaqueiros mais afamados
mas voltavam cabisbaixos
e tão desmoralizados
que nunca mais eram vistos
dali pra frente montados.

Porém um dia num belo
festival de apartação
apareceu um vaqueiro
com ar de desolação
provocando em alguns, pena
na maioria, mangação.

Montava um cavalo chucro
 com uma avançada idade
 até para abrir os olhos
 sentia dificuldade
 montá-lo até parecia
 sinal de perversidade.

O vaqueiro com a perna
 em cima na lua-da-cela
 certamente refletia
 quanto a natureza é bela
 ou feliz numa fazenda
 tão bonita quanto aquela.

O desolado vaqueiro
 foi ao chefe apresentado
 este disse zombateiro:
 – Vaqueiro, fique avisado
 que ganha um conto de reis
 quem pegar o rei do prado.

O vaqueiro moveu quase
 imperceptivelmente
 a cabeça depois disse
 também zombateiramente:
 – Pra mim não há boi ligeiro
 nem tampouco homem valente.

O fazendeiro não tendo
 como se manifestar
 uma vez que seu juízo
 se recusou a pensar
 girou sobre os calcanhares
 para dali se afastar.

Como quem algo distante
mediatamente pensava
o misterioso homem
permaneceu onde estava
totalmente indiferente
a tudo que o cercava.

Quando todos os vaqueiros
se recolheram aos lares
ou foram se divertir
em diferentes lugares
ele se ausentou fugindo
de curiosos olhares.

E justamente às seis horas
de um belo amanhecer
o Sol nasceu pontual
cumprindo um astral dever
o homem misterioso
voltou a aparecer.

Não se reuniu ao grupo
ficando isoladamente
vendo dos cavalos próximos
movimento impaciente
que enrijeciam as rédeas
voluntariamente.

Finalmente o grande grupo
antes de se dispersar
viu o patrão ao sair
repetindo anunciar:
— Gratifica-se com um conto
àquele que o boi pegar.

Os cavalos mastigando
as bridas, nervosamente
davam upas, refinchavam
perguntando, certamente
porque não iniciavam
a jornada urgentemente?

Fez-se ouvir finalmente
barulho descomunal
do tropel, mas o fantástico
vaqueiro e seu animal
sumiram como tangidos
por estranho vendaval.

Quando chegaram às caatingas
se deixou ser percebido
e o animal que estava
pelos demais perseguido
também foi localizado
num matagal escondido.

Quando rei do Prado ouviu
forte tilintar das latas
rugiu furiosamente
cavando o chão com as patas
ninguém ousou chegar perto
daquela fera das matas.

Depois um vaqueiro ousado
teve a fraca inspiração
de aproximar-se do boi
que igual um furacão
arremessou já sem vida
o imprudente no chão.

No mesmo momento o
misterioso vaqueiro
aproximou-se do boi
e este manso e ordeiro
se deixou ser afagado
assombrando o grupo inteiro.

O vaqueiro disse frases
tão doces, tão cativantes
que o boi sensibilizado
olhou para os circunstantes
provocando nos vaqueiros
alguns gritos triunfantes!

No mesmo instante acercou-se
o feroso fazendeiro
dizendo: – Eu só dou um conto
se provar que é vaqueiro
pois pelo que estamos vendo
você é um mandingueiro.

...Queremos que o rei do prado
desembeste de saída
e você dispare atrás
pegando em plena corrida
ai sim, terá a grande
recompensa prometida.

O vaqueiro muito calmo
disse: – Agora o animal
vai correr selvagememente
por dentro do matagal
e eu em cinco minutos
vou conduzi-lo ao curral.

Como que adivinhando
do vaqueiro o pensamento
o boi dali disparou
com a rapidez do vento
enquanto o vaqueiro fez
um suave movimento.

Com uma velocidade
nunca vista num animal
o cavalo do vaqueiro
depois de leve sinal
voou talvez que tangido
por algo paranormal.

Mostrando o boi ao patrão
o vaqueiro disse assim:
– Este boi já está manso
porque agora no fim
eu tirei do rei do prado
a força que existe em mim.

É misteriosamente
da forma que apareceu
como quem reflete algo
que há muito aconteceu
fitou o céu por instantes
depois desapareceu.

Fim

9530



Rua Leopoldo Fróes, 37 - Santa Teresa - Rio de Janeiro.

Tel: (21)2232-4801 - contato@abl.com.br

www.ablc.com.br

RIO DE JANEIRO - JUNHO DE 2006